

AVALIAÇÃO ALTERNATIVA DIGITAL DA ORALIDADE

“EM QUALQUER LUGAR DO MUNDO”

Ana Maria de Jesus Ferreira Nobre

Universidade Aberta; LE@D

ananobre@uab.pt

Maria de Jesus Crespo Candeias Velez Relvas

Universidade Aberta; CEAUL; LE@D

jvrelvas@uab.pt

Resumo

A avaliação de competências requer uma abordagem na qual conhecimentos, capacidades e atitudes estão integrados, o que implica, necessariamente, o recurso a uma variedade de estratégias de avaliação (Dierick e Dochy, 2001; Maclellan, 2004; McConnell, 2006). É neste contexto que surge o que alguns autores (Birenbaum *et al.*, 1996, Dierick e Dochy, 2001) designam como a Cultura de Avaliação. Por sua vez, os ambientes de aprendizagem em *e-learning* no ensino superior exigem o repensar de outras formas de avaliação digital.

Assim, a utilização de novas ferramentas de comunicação *online* (tecnologias digitais) e o uso de novos modos de avaliação digital na área científica de Língua representaram um desafio para os docentes da Universidade Aberta (UAb) aquando da sua implementação, impondo, em simultâneo, um constante processo de actualização. Tendo em conta o contexto do ensino de línguas estrangeiras na UAb, propomo-nos apresentar algumas dessas estratégias e soluções de avaliação digital da competência oral – nomeadamente, a compreensão e a produção.

Palavras-chave: avaliação digital; tecnologias; línguas estrangeiras; competências orais (avaliação da compreensão e da produção oral).

Abstract

The assessment of competences requires an approach in which knowledge, capacities and attitudes are integrated, necessarily implying the use of a variety of assessment strategies (Dierick and Dochy, 2001; Maclellan, 2004; McConnell, 2006). The Culture of Assessment, thus designated by some authors (Birenbaum *et al.*, 1996, Dierick e Dochy, 2001), has emerged in this context, whereas the e-learning environments in higher education call for the rethinking of other forms of digital assessment.

Therefore, the use of new tools of online communication (digital technologies) and the use of new ways of digital assessment in the scientific area of Language constituted a challenge to the Universidade Aberta (UAb) teaching staff when such tools were implemented, having simultaneously imposed a constant updating process.

Taking the context of foreign languages teaching at UAb into account, it is our purpose to present some of those strategies and solutions within the oral competence digital assessment – namely, comprehension and production.

Keywords: digital assessment; technologies; foreign languages; oral competences (assessment of oral comprehension and production)

AVALIAÇÃO ALTERNATIVA DIGITAL DA ORALIDADE “EM QUALQUER LUGAR DO MUNDO”

“Em Qualquer Lugar do Mundo” é o lema da Universidade Aberta (UAb), desde 2007-2008. O presente trabalho foi produzido no âmbito da participação das suas autoras no Projecto @ssess do Laboratório de Educação a Distância e Elearning da UA (LE@D) e da sua experiência de Coordenação do Curso Línguas, Literaturas e Culturas – Variante de Línguas Estrangeiras (1º ciclo), durante 5 anos, ao longo dos quais assumiram a responsabilidade de integrar, de modo efectivo, a prática e a avaliação da oralidade.

A avaliação de competências requer uma abordagem na qual conhecimentos, capacidades e atitudes estão integrados, o que implica, necessariamente, o recurso a uma variedade de estratégias de avaliação, segundo diversos autores. É neste contexto que surge a denominada Cultura de Avaliação. Por sua vez, os ambientes de aprendizagem no ensino superior a distância exigem o repensar de formas de avaliação alternativa digital e de formas de avaliação, segundo moldes distintos do ensino tradicional, tanto presencial como a distância.

A utilização de novas ferramentas de comunicação *online* (tecnologias digitais) e o uso de novos modos de avaliação digital na área científica de Língua representaram um desafio para os docentes da Universidade Aberta aquando da sua implementação, impondo, em simultâneo, um constante processo de actualização. Tendo em conta o contexto do ensino de línguas estrangeiras na UAb, cujos pilares-base são o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR) e o actual Modelo Pedagógico Virtual da instituição (Pereira *et al.*, 2007), apresentamos algumas dessas estratégias e soluções de avaliação digital da competência oral – nomeadamente, a compreensão e a produção.

O denominado e acima referido Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – aprendizagem, ensino, avaliação (de 2001) é um documento emanado do Conselho da Europa e elaborado no âmbito do Projecto ‘Políticas Linguísticas para uma Europa Plurilingue e Multicultural’. Para além de apresentar o contexto político e educativo de concepção do documento e de definir linhas de orientação e a abordagem metodológica adoptada, o QECR define seis níveis comuns de referência para três grandes tipos de utilizador: o

utilizador elementar, o utilizador independente e o utilizador proficiente. O estabelecimento de níveis comuns de referência concorre para a transparência e comparabilidade dos processos de ensino e aprendizagem, bem como para o correspondente reconhecimento dos níveis de competência alcançados. Com base neste documento de referência, pretendeu-se fomentar a criação de ambientes propiciadores de uma aprendizagem motivadora e próxima de situações reais de comunicação.

Por outro lado, de acordo com o Modelo Pedagógico Virtual da UAb (Pereira *et al.*, 2007), implementado a partir do ano académico de 2007-2008, o qual passou a enquadrar o novo, dinâmico e inovador paradigma da instituição, todas as unidades curriculares, em geral, e as de língua estrangeira, em particular, passaram a ter a possibilidade de incluir e de pôr efectivamente em prática a avaliação alternativa digital. Tendo em consideração os aspectos mencionados, a avaliação nas línguas estrangeiras, ao contrário da maioria das outras unidades curriculares, passou então a ser feita exclusivamente na modalidade de avaliação contínua, não havendo a possibilidade de opção por exame final escrito, a fim de garantir a avaliação alternativa digital da oralidade. A Cultura do Teste, a qual radica nas instituições escolares públicas surgidas a partir de finais do século XVIII, é uma versão menos abrangente que a Cultura de Avaliação. Para justificar a aprendizagem, o teste prefigura um dos modos encontrados para demonstrar as aquisições conseguidas. De um modo global, a testagem serve para legitimar a própria instituição e reconhecer o valor acrescentado aos estudantes, porque, em vez de apenas avaliar conhecimentos, cabe-lhe a tarefa mais exigente de avaliar competências.

A Cultura de Avaliação não deixa de avaliar conhecimentos; no entanto, vai mais além, diversificando metodologias e instrumentos, numa visão mais ampla e integradora, porque é solicitado aos estudantes que analisem o modo como esse conhecimento resulta em situações diversas. Dierick e Dochy (2001) realçam precisamente esta mudança de paradigma, referindo que:

Several developments in society have slowly but surely changed the way we value the importance of having a firm knowledge store. Surely, highly knowledgeable individuals are a starting point of education but cannot be its goal; other aspects, such as problem-solving skills, professional skills

and being able to function in authentic, i.e., real-life contexts are important. (307)

Como estes autores salientam, a Cultura do Teste implica que os estudantes armazenem conhecimentos, memorizando-os, com a finalidade de os demonstrarem aquando da realização de testes expressamente desenvolvidos para apreciação dos resultados desses esforços de aquisição de conhecimentos. A Cultura do Teste acompanha pontualmente resultados, mas dá-nos uma ideia incompleta de toda a dinâmica empregue para a aprendizagem se processar da melhor maneira.

Por seu turno, no âmbito da Cultura de Avaliação, os docentes procuram analisar não só produtos, mas também processos, e a ênfase é colocada na observação das competências a alcançar, através do modo como o estudante aplica os conhecimentos que adquiriu para resolver problemas em contextos diferentes dos que já experienciou até ali, atendendo a situações que possam ocorrer normalmente no quotidiano.

Em função destas duas visões da avaliação, o papel do professor e o do estudante também sofrem mudança. A aprendizagem deixa, assim, de estar centrada no professor, passando a estar centrada no estudante, a quem cabe a responsabilidade de gerir o seu processo de aprendizagem; ao professor cabe, por sua vez, guiar e orientar o estudante nesse processo, fornecendo-lhe tarefas interessantes e desafiadoras. Mclellan (2004) afirma:

The dominance given to students' interpretations of their world is well suited to formative assessment, which is concerned with the facilitation of learning. However, higher education must also be concerned with summative assessment for reasons of accountability and certification. (319)

De um modo geral, a avaliação continua tendencialmente a privilegiar a componente sumativa sobre a formativa, talvez porque é bastante mais fácil fazer corresponder um valor numérico à aquisição de conhecimentos e de competências, do que analisar a aquisição de saberes e indicar formas de os conquistar.

Neste contexto, deverá, então, haver uma Avaliação **para as** Aprendizagens ou uma Avaliação **das** Aprendizagens?

Birenbaum *et al.* (2006) consideram o seguinte:

... current assessment practices tend to focus on the assessment, or testing, of learning. These assessments largely fail to address Assessment for learning, i.e. assessment as a means to measure learner progression and to inform the learners about their progression. In other words, a paradigm shift from Assessment of learning towards Assessment for learning is required. (63)

A denominação 'Avaliação **das** Aprendizagens' indica um processo que já terminou e se mantém estático no tempo; implica uma avaliação posterior e uma posição exterior ao evento, por contraponto à expressão 'Avaliação **para** as aprendizagens', que parece apontar para uma acção em curso e que se mantém no tempo, pelo menos enquanto se mantiver a situação de aprendizagem. Ainda na opinião de Birenbaum *et al.* (2006),

Accordingly, assessments tend not to be designed as assessment for learning, but as assessment of learning. In other words, assessment systems tend to be summative and not formative. These assessment systems do not allow learners (and their teachers) to develop a clearer understanding of how they can improve in their learning. Instead, they tend to be considered as an endpoint instead of a beginning or a step forward. (63)

A Avaliação **das** Aprendizagens indica, assim, um processo póstumo e que se nos afigura incompleto. Na realidade, avalia-se apenas o grau de consecução, sem propor soluções para colmatar a não-aquisição de conhecimentos e competências, caso os resultados não sejam os esperados.

A Avaliação **para** as Aprendizagens – avaliar **para** aprender – parece-nos, portanto, um processo bem mais vasto e complexo: pressupõe um procedimento contínuo, isto é, uma atenção continuada, de modo a permitir um acompanhamento ao longo de toda a situação, tirando periodicamente

conclusões sobre a forma como a aprendizagem vai decorrendo, para que eventuais correcções possam ir sendo introduzidas. Birenbaum *et al.* (2006) referem o seguinte:

Assessment for learning are assessment systems that allow both learners and teachers to gain information about learning progression.

(63)

A nível das aprendizagens, deve existir um conjunto de princípios que valorizem as aquisições e as produções dos estudantes, em clima favorável aos processos de desenvolvimento pessoal e social, na expectativa de desempenhos positivos dos aprendentes. A tal conjunto de princípios devem estar subjacentes: o respeito pelas diferenças individuais; a valorização das experiências anteriores; a consideração dos interesses dos estudantes; as motivações e as necessidades individuais; a promoção das interacções e a partilha de saberes; a promoção da autonomia e da iniciativa. Daqui decorrem Estratégias de Avaliação que privilegiam os produtos e agem sobre os processos, definindo uma função reguladora da relação pedagógica.

O Projecto @ssess, mencionado no início deste texto, define uma Cultura de Avaliação baseada em quatro dimensões: Autenticidade; Consistência; Transparência; Sustentabilidade. Assim, os dispositivos de avaliação devem ser ajustados aos conteúdos e/ou às dimensões a avaliar, diversificados na forma e na natureza, incidindo sobre os processos, as competências e as aquisições.

Uma avaliação excessivamente centrada na apreciação dos produtos da aprendizagem e com pendor maioritariamente sumativo apenas serve para certificar o estudante, mas não informa, não orienta e não acrescenta valor à aprendizagem propriamente dita. São, pois, desejáveis Estratégias de Avaliação norteadoras, tanto para o estudante como para o professor; ou seja, estratégias que indiquem a ambos os progressos feitos pelo estudante e que sirvam de orientação ao professor para definir as futuras aprendizagens.

Ao reflectirmos sobre a problemática da avaliação, parece-nos, pois, pertinente interrogarmo-nos sobre: as diferenças e as semelhanças entre a avaliação no ensino a distância e no ensino presencial; os instrumentos e as estratégias de

avaliação mais adequados; a melhor forma de determinar os indicadores das competências desenvolvidas ou a desenvolver. De facto, não podemos deixar de reflectir sobre a necessidade de aliar a avaliação formativa, decerto mais motivadora para os estudantes, a outra faceta igualmente indispensável – a certificação das competências adquiridas que, em ambientes de ensino a distância, acarreta alguns desafios.

Tendo em linha de conta os aspectos atrás expostos, abordemos agora, em específico, a nossa experiência em ensino a distância – primeiro tradicional e, mais recentemente, a partir de 2007, na modalidade de *e-learning* – como coordenadoras de um curso formal de 1º ciclo e, em simultâneo, como docentes.

No ensino a distância em que nos inserimos há possibilidades que não existem no contexto presencial tradicional, como, por exemplo: registos de todas as intervenções dos participantes, permitindo revisitar essas participações, sobre elas reflectir e recomeçar; planificação de novas perspectivas; introdução de alterações; utilização de ferramentas digitais na forma de *software* para diversificar modos, processos e produtos, relativos à avaliação; elaboração de actividades e de tarefas diversificadas. O princípio orientador da avaliação deverá ser, simultaneamente, um meio de sustentar/apoiar a aprendizagem e uma forma de a atingir. Os estudantes envolvidos e inspirados pelas suas tarefas de avaliação, recebendo prontamente *feedback* significativo por parte do docente, ultrapassam com maior facilidade os desafios e as dificuldades.

Na Universidade Aberta, os cursos formais das Licenciaturas em Línguas, Literaturas e Culturas – Variante de Línguas Estrangeiras, Línguas Aplicadas, Estudos Europeus, Humanidades e História integram nos seus planos de estudo as seguintes línguas estrangeiras, desde o nível I até ao nível VI: Alemão, Espanhol, Francês e Inglês. Os níveis I e II de língua inglesa integram ainda o plano de estudos do Curso de Ciências da Informação e da Documentação. Estes seis níveis seguem o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas Estrangeiras do Conselho da Europa (QECR), atrás referido: o I e o II correspondem ao nível B1, o III e o IV correspondem ao nível B2 e o V e o VI correspondem ao nível C1.

Figura 1

CATESI Conferência Avaliação e Tecnologias no Ensino Superior
Lisboa, 18 e 19.07.2013

Ana Maria de Jesus Ferreira Nobre
Universidade Aberta; LEaD

Maria de Jesus Crespo Candeias Velez Relvas
Universidade Aberta; CEAUL; LEaD

Línguas Estrangeiras (nível I—nível VI)
Alemão | Espanhol | Francês | Inglês

Licenciaturas
Línguas, Literaturas e Culturas – Variante de Línguas Estrangeiras
Línguas Aplicadas
Estudos Europeus
História
Humanidades



Ciências da Informação e da Documentação
Inglês (nível I e nível II)

 Projeto PTDC/CPE-CEI/104373/2008
Financiado com o apoio de

 **FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

 **LEaD** LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E E-LEARNING

 **ABERTA** UNIVERSIDADE
www.uab.pt

A avaliação contínua em línguas estrangeiras efectiva-se em dois momentos, e a classificação final é o resultado do somatório das classificações obtidas nesses dois momentos. O primeiro corresponde à realização, na plataforma de *e-learning*, de dois ou três trabalhos em formato digital, designados por e-fólios; o segundo corresponde à realização de uma prova escrita presencial, no fim do semestre, designado por p-fólio.

Cada e-fólio tem a cotação máxima de 4 valores. Uma vez que o regime de avaliação contínua é obrigatório, está instituído que, se o estudante não conseguir obter a classificação mínima necessária no conjunto dos e-fólios para ser admitido a p-fólio (isto é, se não conseguir obter pelo menos 3,5 valores), tem a possibilidade de realizar um e-fólio de recurso. A classificação mais baixa de um dos dois e-fólios poderá, assim, ser substituída pela classificação do e-fólio de recurso.

O p-fólio (ou seja, a prova escrita presencial) é realizado durante a época oficial de exames da UAb, e a sua cotação máxima é de 12 valores. A aprovação implica, portanto, que o estudante obtenha um mínimo de 4 valores (ou 3,5 valores) no conjunto dos e-fólios e um mínimo de 6 valores (ou 5,5 valores) no

p-fólio.


Os trabalhos digitais pedidos nos e-fólios permitiram implementar na UAb a obrigatoriedade da avaliação alternativa digital oral nas Línguas Estrangeiras. Esta avaliação da componente oral passou a ser feita, tanto na vertente da compreensão, como na da produção, em todos os cursos formais e em todos os níveis de língua. Para conseguir essa implementação, a equipa de Coordenação do Curso de Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas – Variante de Línguas Estrangeiras, constituída pelas autoras deste trabalho e responsável pela área das Línguas Estrangeiras, criou *kits* de orientação, tanto para os docentes, como para os estudantes, decidiu qual a duração dos e-fólios (de 4h a 12h), coordenou as datas de realização nas diferentes línguas e níveis, de modo a não haver sobreposição, e, na fase inicial, criou condições para que os docentes tivessem apoio tecnológico, a fim de poderem gravar os seus próprios documentos orais. Deste modo, a Coordenação do Curso de Línguas, Literaturas e Culturas – Variante de Línguas Estrangeiras assegurou a viabilidade de avaliar a oralidade digitalmente “Em Qualquer Lugar do Mundo”, já que os estudantes da UAb se distribuem por todos os continentes.

Figura 2

CATES | Conferência Avaliação e Tecnologias no Ensino Superior
Lisboa, 18 e 19.07.2013

Ana Maria de Jesus Ferreira Nobre
Universidade Aberta; LEaD

Maria de Jesus Crespo Candeias Velez Relvas
Universidade Aberta; CEAUL; LEaD



- **Avaliação Digital**
e-Fólio A: 4 valores | 4 a 12 horas
e-Fólio B: 4 valores | 4 a 12 horas

e-Fólio C (recurso)
- **Avaliação Presencial**
p-Fólio: 12 valores | 1 hora e 30 min.

Projeto PTDC/CPE-CEI/104373/2008
Financiado com o apoio de

FTC Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

LEaD LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E E-LEARNING

UNIVERSIDADE AbERTA
www.uab.pt

O enunciado de um e-fólio é normalmente composto por duas partes. A primeira parte contém um *podcast*, ou um *showcast* da autoria do docente, ou outro recurso digital, incidindo sobre temas abordados na sala de aula virtual; a partir desses documentos orais, é feita a avaliação da compreensão oral e da expressão escrita. Na segunda parte do enunciado, é pedido ao estudante que elabore um documento digital, em que é avaliada a produção oral, a partir de um recurso digital sobre um tema da actualidade.

Convirá mencionar que os recursos digitais mais utilizados no processo da avaliação da oralidade são os *podcasts* e os *showcasts*.

Se para o ensino em geral os *podcasts* são recursos muito úteis, para o ensino das línguas estrangeiras o seu interesse é ainda maior. Grande parte dos estudantes tem pouco contacto com a língua em estudo. Em Portugal, embora os filmes e as séries televisivas em qualquer língua estrangeira não sejam dobrados, há uma predominância de cinematografia em Inglês; é, assim, possível um contacto bastante razoável com a língua, por parte do público em geral e dos estudantes em particular. O mesmo não acontece com o Francês e outros idiomas estrangeiros leccionados na UAb, pelo que os *podcasts* poderão ter papel relevante neste sector. Por outro lado, a *Web* está repleta de documentos áudio autênticos, muito diferentes dos construídos especificamente para quem tem pouco domínio da língua, tornando-se possível conviver com a realidade dos falantes nativos em vários contextos diferentes.

No que diz respeito aos *showcasts* enquanto recursos didácticos, é de salientar que são recentes, tendo começado agora a ser explorados no ensino das línguas estrangeiras, em especial no ensino a distância. De acordo com a definição elaborada no Projecto Ensino/Aprendizagem das Línguas Estrangeiras *Online* do LE@D, o termo *showcast* designa especificamente um documento *PowerPoint* com finalidades didácticas, que integra texto, imagem e áudio/vídeo.

Num conceito mais alargado de *podcast*, poderemos considerar que o *showcast* constitui um tipo específico de *podcast*, a par dos *audio podcasts*, dos *enhanced podcasts*, dos *vodcasts* e dos *screencasts*, revestindo-se de características próprias que permitem colocá-lo numa outra categoria.

O *showcast* é um recurso muito útil no ensino a distância das línguas estrangeiras, permitindo o desenvolvimento de várias competências linguísticas

e tecnológicas. A sua utilização torna possível uma diversidade de exercícios e de trabalhos digitais, desde a reprodução escrita de uma informação oral, semelhante a um ditado (como na actividade em que os estudantes devem escrever as perguntas de interpretação que ouviram no *podcast* recebido), à argumentação (como o que é pedido nos e-fólios), passando pela apresentação de respostas a questionários e pela exposição de opiniões e pontos de vista. As suas características tornam-no, portanto, num instrumento que pode ser usado, quer para a prática da língua, quer para os momentos formais de avaliação alternativa digital da oralidade.

Figura 3

CATES Conferência Avaliação e Tecnologias no Ensino Superior Lisboa, 18 e 19.07.2013

Ana Maria de Jesus Ferreira Nobre Universidade Aberta; LEaD Maria de Jesus Crespo Candeias Velez Relvas Universidade Aberta; CEaUI; LEaD

Avaliação Contínua e-Fólio B

I - COMPRÉHENSION ORALE

A - TEXTE
Écoutez le texte suivant:

16-1-12.mp3

II - COMPRÉHENSION ÉCRITE / EXPRESSION ÉCRITE

B - QUESTIONS D'INTERPRÉTATION
Après avoir écouté le texte, lisez les questions très attentivement et commencez la réalisation de votre e-fólio B.
Répondez aux questions suivantes par écrit.
(Répondez par vos propres mots et n'utilisez pas de faire des phrases complètes)

1. Quel est le sujet de ce reportage ?
2. Le Mont-Blanc appartient à trois pays. Lesquels ?
3. Dans quelle région de France se trouve le Mont-Blanc ?

III - COMPRÉHENSION ORALE / PRODUCTION ORALE / PRODUCTION ÉCRITE

C - PRODUCTION ORALE / PRODUCTION ÉCRITE

SUJET: Parmi les sujets que vous allez entendre, choisissez un et réalisez-le.

16-1-AMOR...mp3

E-LEARNING

Projeto PTDC/CPE-CEB/104373/2008 Financiado com o apoio de **FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA **LE@D** LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E E-LEARNING **AbERTA** UNIVERSIDADE DE EDUCACAO A DISTANCIA E E-LEARNING www.uab.pt

Como procurámos demonstrar, o ensino de uma língua estrangeira constitui um processo complexo que envolve a promoção de competências de compreensão e produção orais e escritas. Integrar de forma sistemática os domínios da oralidade e da escrita nas actividades lectivas constitui um desafio, sobretudo no que diz respeito à oralidade, pelo que é importante encontrar estratégias que promovam uma prática sistemática da oralidade e que permitam uma avaliação alternativa digital adequada. O principal objectivo da Coordenação do Curso de Línguas, Literaturas e Culturas – Variante de Línguas Estrangeiras foi

abrir o caminho, na UAb, da Avaliação **para** as Aprendizagens. Com o auxílio de *podcasts* e *showcasts*, é, de facto, possível aprender línguas estrangeiras, verificando consecutivamente se existe ou não melhoria das aprendizagens no percurso dos estudantes. Podemos registar que a utilização destas ferramentas apela ao treino constante, conduzindo a um aperfeiçoamento das aprendizagens através da aproximação aos contextos vividos no dia-a-dia e da aquisição de competências relevantes para o futuro destes aprendentes, tanto no âmbito das TIC, como no da aprendizagem das línguas estrangeiras, em particular no do domínio da oralidade.

A metodologia adoptada pela Coordenação do Curso de Línguas, Literaturas e Culturas – Variante de Línguas Estrangeiras permitiu: avaliar as competências de oralidade; promover actividades de prática oral da língua (através da utilização de *podcasts* e de *showcasts*); impulsionar o desenvolvimento das competências de oralidade; e tornar o processo de ensino/aprendizagem e o processo avaliativo das línguas estrangeiras na UAb mais centrado nos estudantes, os quais assumiram a auto-regulação da sua aprendizagem, definindo estratégias para a superação das dificuldades e desenvolvendo práticas efectivas de auto- e de hetero-avaliação da oralidade.

Ao estimular este tipo de atitudes, visámos contribuir para que os estudantes despertem o seu interesse pela aprendizagem das línguas estrangeiras, promovam a sua autonomia na aprendizagem e vejam a avaliação alternativa digital não como um obstáculo ou uma etapa obrigatória, mas sim como um caminho onde participam activamente, deixando o seu testemunho, o seu rasto, a sua marca, qualidade fundamental para a integração na sociedade em rede global em que actualmente vivemos. Com efeito, os aprendentes de línguas estrangeiras na UAb são, em simultâneo, utilizadores e produtores de conteúdos digitais.

A inovação que levámos levada a cabo, como equipa de Coordenação, enquadrada num outro Projecto do LE@D (Ensino/Aprendizagem das Línguas Estrangeiras Online, visando conceber, analisar e testar novas estratégias), bem como os resultados amplamente positivos já verificados – numa óptica de *Evaluer pour Evoluer* – fazem-nos acreditar que este é, de facto, o caminho na avaliação alternativa digital da oralidade dos estudantes da Universidade Aberta, “Em Qualquer Lugar do Mundo”.

Figura 4

CATES Conferência Avaliação e Tecnologias no Ensino Superior
Lisboa, 18 e 19.07.2013

Ana Maria de Jesus Ferreira Nobre
Universidade Aberta; LEaD

Maria de Jesus Crespo Candeias Velez Relvas
Universidade Aberta; CEAUI; LEaD



Evaluer pour Evoluer

Em Qualquer Lugar do Mundo

 Projeto PTDC/CPE-CEI/104373/2008
Financiado com o apoio de

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

LEaD LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E E-LEARNING

UNIVERSIDADE **AbERTA**
www.ua.pt

Nota:

Por opção das autoras, o presente texto não adopta o Acordo Ortográfico de 1990.

Bibliografia

Alves, J. (2001) (dir.). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – aprendizagem, ensino, avaliação*. Conselho da Europa. Porto: Edições Asa.

Birenbaum, M. (1996). "Assessment 2000: Towards a pluralistic approach to assessment". In M. Birenbaum & F.J.R.C. Dochy (Eds.), *Alternatives in assessment of achievement, learning processes and prior knowledge*. Boston: Kluwer Academic Publishers. 3-29

Birenbaum, M. (2003). "New insights into learning and teaching and their implications for assessment". In M. Segers, F.J.R.C. Dochy, & E. Cascallar (Eds.), *Optimising new modes of assessment: In search of qualities and standards*. Dordrecht, The Netherlands: Kluwer Academic Publishers. 13-36.

Birenbaum, M., Breuer, K., Cascallar, E., Dochy, F., Dori, Y., Ridgway, J., *et al.* (2006). "EARLI position paper. A learning integrated assessment system". *Educational Research Review*, 1, 61-67.

Dierick, S., & Dochy, F.J.R.C. (2001). "New lines in edometrics: new forms of assessment lead to new assessment criteria". *Studies in Educational Evaluation*, 27, 307-329.

Maclellan, E. (2004a). "How convincing is alternative assessment for use in higher education?". *Assessment & Evaluation in Higher Education*, 29 (3), 311-321.

Maclellan, E. (2004b). "Authenticity in assessment tasks: a heuristic exploration of academics' perceptions". *Higher Education Research and Development*, 23 (1), 19-33.

McConnell, D. (2006). *E-learning Groups and communities*. Berkshire: Open University Press.

Pereira, A., et al. (2007). *Modelo Pedagógico Virtual da Universidade Aberta para uma universidade do futuro*. Lisboa: Universidade Aberta.

Tinoca, L., Pereira, A. & Oliveira, I. (2014). "A Conceptual Framework for E-Assessment in Higher Education: Authenticity, Consistency, Transparency, and Practicability". In S. Mukerji & P. Tripathi (Eds.). *Handbook of Research on Transnational Higher Education*. USA: ICI Global.